

# Aventuras no manguezal

*Passeio de barco pelo mangue do rio Piraqueaçu, em Aracruz, oferece natureza exuberante e uma volta à época da imigração italiana*

GIOVANNA SANTOS  
FABRÍCIO RIBEIRO

**A**RACRUZ – Em 1874, o primeiro grupo de imigrantes italianos chegou ao Espírito Santo e se deparou com a exuberância da paisagem de Santa Cruz, em Aracruz, e do manguezal do rio Piraqueaçu. Irritados e cansados com a longa viagem, certamente de imediato não tiveram expediente para apreciar aquele espetáculo da natureza. Passados 184 anos do acontecimento histórico, é impossível chegar às margens do rio e não se en-

cantar com a paisagem. E para conhecê-la bem de perto, o negócio é pegar um barco e subir o Piraqueaçu.

Santa Cruz tem uma estrutura de barcos para quem quiser experimentar um pouco de aventura se embrenhando pelo manguezal. Você pode tentar alugar uma embarcação pequena com os pescadores que ficam à margem do cais, ou então fazer o passeio de escuna.

O ponto de partida é o ancoradouro que fica bem no

413971

## RAIO X DO RIO PIRAQUEAÇU

- **Área** - 426,34 Km<sup>2</sup>
- **Principal afluente** - rio Piraquemirim
- **Extensão** - 50 quilômetros (Piraqueaçu) e 22 quilômetros (Piraquemirim)
- **Extensão do estuário** - 13 quilômetros no Piraqueaçu e nove quilômetros no Piraquemirim. Os dois rios se encontram quatro quilômetros antes da foz e atingem cerca de 500 metros de largura no ponto de confluência.

■ **Nascente** - Na Reserva Ecológica de Nova Lombardia ou Augusto Ruschi, em Santa Teresa, região serrana do Estado, a uma altitude de mil metros. De lá segue por João Neiva, Ibraçu e Aracruz.

■ **Foz** - Santa Cruz, em Aracruz, local em que o Piraqueaçu se junta ao Piraquemirim, que nasce dentro do município.

■ **Profundidade** - Média de seis metros, podendo chegar a 17 metros no estuário.

Fonte: Prefeitura de Aracruz e Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema).

FABRÍCIO RIBEIRO



“centro” de Santa Cruz, no local que os moradores chamam de ponta da barra. Dali a escuna sobe o rio até chegar em uma bifurcação demarcada pelo mangue: do lado direito, continua o Piraqueaçu, que tem cinco aldeias indígenas às suas margens. Do lado esquerdo, fica o Piraquemirim. O passeio dura cerca de duas horas. Se for de escuna (o passeio custa R\$ 15,00), o destino é o Piraquemirim. Em outras embarcações, escolhe-se o itinerário.

Muitos barcos de gente que já descobriu aquelas paisagens fi-

cam circulando pelo local e há até quem se aventure a fazer esqui aquático sendo puxado por potentes lanchas.

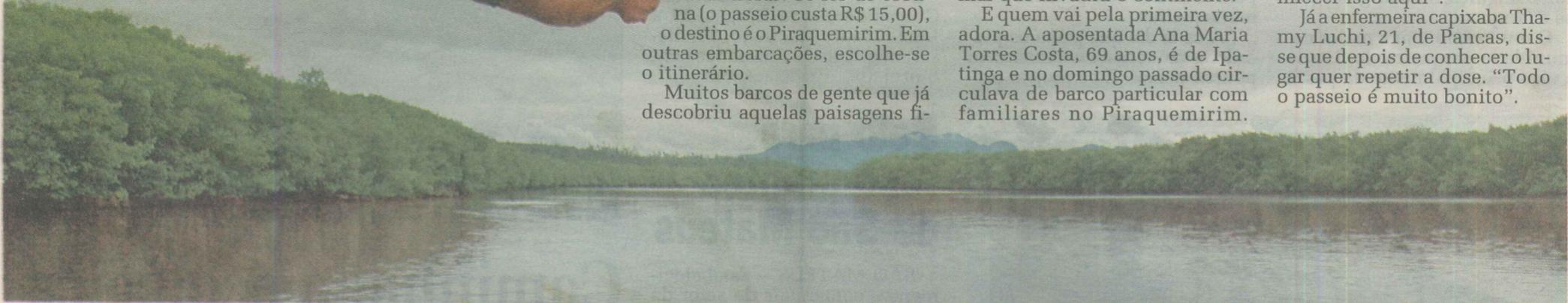
Outros querem mesmo é pescar, ainda mais nesta época do ano, em que ocorre a piracema. Se tiver sorte, você pode até mesmo avistar golfinhos à caça dos cardumes, já que o Piraquemirim, na verdade, é um braço de mar que invadiu o continente.

E quem vai pela primeira vez, adora. A aposentada Ana Maria Torres Costa, 69 anos, é de Ipatinga e no domingo passado circulava de barco particular com familiares no Piraquemirim.

“Nunca tinha visto o mangue antes. É maravilhoso. Estou adorando”, disse ela.

Outra mineira, só que moradora do município capixaba da Serra, a autônoma Miriam Matias Sparandio também estreou no manguezal e gostou do que viu. “O Espírito Santo tem muito lugar lindo. Todo mundo devia conhecer isso aqui”.

Já a enfermeira capixaba Thamy Luchi, 21, de Pancas, disse que depois de conhecer o lugar quer repetir a dose. “Todo o passeio é muito bonito”.



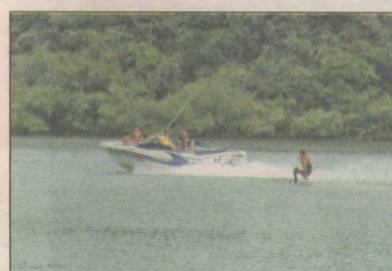
Turistas chegam para passeio



Bar flutuante no Piraquemirim



Proteção para o banho de rio



Esqui aquático no manguezal



Thamy adorou a paisagem

FOTOS: RODRIGO BERNARDO/PREFEITURA DE ARACRUZ

## Índios são atração à parte

Para quem visita Santa Cruz e a região do rio Piraqueaçu, um programa imperdível são as aldeias indígenas vizinhas: Três Palmeiras, Piraqueaçu e Boa Esperança, dos índios guarani, e Caieiras Velha e Irajá, do povo tupiniquim.

Os índios destacam que visitantes e turistas são sempre bem-vindos, seja para uma caminhada na mata, no manguezal e até

para uma boa conversa.

“Gostamos de contar sobre nossa história e cultura”, explicou a agente de saúde Rosana Keretxu.

Nas aldeias, os visitantes vão conhecer um pouco sobre esses povos, como a língua guarani e as danças dos guerreiros (txondaro) e das crianças (djeroqui). Tem ainda o coral infanto-juvenil Sol Brilhante, com repertório na língua tupi-guarani, e a contagiante batida do congo tupiniquim.

Uma atração que sempre enche os olhos dos turistas é o artesanato. “Fazemos cestos, arcos e flechas, pau-de-chuva, colares, chocalhos. Vendemos também peças das roupas típicas que produzimos à mão, como saias e blusas”, contou Severina Martins, a Cunhã Poty, da aldeia Piraqueaçu, que fica bem próxima da ponte e às margens do rio.

No sábado, 19, Dia do Índio, as aldeias prometem muita animação. Ao longo do dia acontecem torneios de arco e flecha, corridas com toras, danças e, como em todo lugar onde tem brasileiro, muito futebol.

FABRÍCIO RIBEIRO



Índios guarani: venda de roupas

## Pausa para banho em bar flutuante

Quem segue de escuna pelo rio Piraqueaçu tem a oportunidade de se refrescar dando um bom mergulho. O passeio, que tem um guia para falar sobre o manguezal, dá uma pausa para quem quiser se refrescar. A profundidade? Quinze metros!

Nada que providenciais bóias não resolvam. A parada é em um bar flutuante, no meio do “nada”. Plaquinhas afixadas lembram os navegantes sobre a necessidade de se preservar o meio ambiente.

### Como chegar

Santa Cruz fica a 63 quilômetros de Vitória. O percurso pode ser feito pela ES-010, passando por Jacaraípe, Nova Almeida e Praia Grande.

## Italianos e D. Pedro no circuito

Nem só de beleza vive o manguezal do rio Piraqueaçu. O lugar também tem tradição histórica. Foi lá que, em 1874, chegou o primeiro grupo de imigrantes italianos no Espírito Santo. Eram 384 italianos, trazidos por outro italiano, Pietro Tabacchi, que já vivia em Santa Cruz desde 1851.

O secretário da Cultura, Desporto e Lazer da Prefeitura de Aracruz, o historiador José Maria Coutinho, conta a saga do primeiro grupo italiano no livro “Uma História do Povo de Aracruz”.

Ele relata que o grupo chegou de navio ao Porto de Vitória em 24 de fevereiro de 1874 e, 10 dias depois, desembarcou em Santa Cruz, onde chegou no barco a vapor Nossa Senhora da Penha.

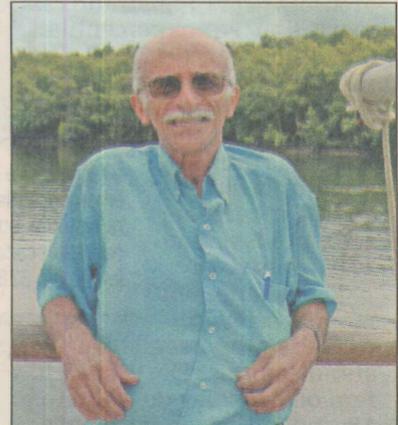
O anfitrião deles, Tabacchi, queria levá-los para uma fazenda que ficava a seis horas de caminhada. Mas eles quicaram e não quiseram de jeito nenhum. Assim, Tabacchi os instalou ali perto mesmo, na Fazenda das Palmas.

Foi aí que os imigrantes conheceram o manguezal. Subiram o rio de canoa até chegar a esta fazenda, em Córrego Fundo, ali

pertinho. Mas não gostaram dos termos do contrato de trabalho e das terras que lhes foram destinadas, e então se rebelaram.

Aí começou uma confusão que durou meses. Para resumir a história, dali de Santa Cruz os imigrantes se espalharam depois para fundar futuros municípios, como Santa Teresa, Fundão e Ibraçu.

Já D. Pedro II esteve em Santa Cruz em fevereiro de 1860, segundo conta o professor Coutinho em seu livro.



Coutinho pesquisou história